



O registro fotojornalístico da superação: Gabriela Andersen-Scheiss e a maratona olímpica de 1984.¹

Alexandre Huady Torres GUIMARÃES²

Pedro Michepud RIZZO³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Realizado em Los Angeles, em 1984, os Jogos Olímpicos de Verão guardaram inúmeras novidades, entre elas o boicote dos países da chamada Cortina de Ferro, em represália a ausência dos Estados Unidos à Olimpíada anterior, a inauguração de diversas modalidades esportivas e a presença, sempre constante nos esportes, da emoção. Neste caso, porém, há uma peculiaridade, a imagem de Gabriela Andersen-Scheiss ao completar a maratona, fotografia que foi considerada uma das cem maiores do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo esportivo; superação; maratona; jogos olímpicos; comunicação.

JOGOS OLÍMPICOS DE 1984

Realizados na cidade de Los Angeles, os Jogos Olímpicos de 1984 foram um dos mais polêmicos de todos os tempos. Ocorridos entre os dias 28 de julho e 12 de agosto, os países filiados à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a exceção da Romênia, boicotaram-os, alegando falta de segurança para seus atletas.

Esse ato também foi visto como uma retaliação para com a atitude dos Estados Unidos, que boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980. Os países da Cortina de Ferro, à época dos Jogos Olímpicos de 1984 organizaram paralelamente uma outra competição, intitulada Jogos da Amizade.

Apesar do boicote, que diminuiu o nível técnico de diversas competições dominadas pelos países do leste europeu, a Olimpíada de 1984 contou com um número

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação Científica – VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor pela Universidade de São Paulo, mestre pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor em regime de dedicação integral do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder das disciplinas de Fotografia do Curso de Publicidade, Propaganda e Criação e Jornalismo, professor de Fotografia e Redação; membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo Audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, Sociedade e Identidade: estudos sobre a mídia. E-mail: huady@mackenzie.br

³ Graduando do sétimo semestre do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte. E-mail: pedro.rizzo@gmail.com



substancial de participantes. Foram 6829 atletas advindos de 140 países. Entre estes atletas, encontravam-se 1566 mulheres. A estes números, acrescentaram-se 9000 jornalistas assegurando uma ampla cobertura para o evento esportivo.

Os Jogos de 1984 marcaram diversas estréias, tanto de modalidades esportivas quanto de países. A China participou pela primeira vez em sua história dos Jogos Olímpicos, retornando com quinze medalhas de ouro após conseguir do Comitê Olímpico Internacional a autorização que afirmava que a República de Formosa era Taipé Chinês e não república independente.

Entre as modalidades estreantes, estavam o nado sincronizado, a ginástica rítmica, o windsurf no iatismo, os 400 metros com barreiras, além da maratona feminina.

Dentre os destaques individuais desse Jogos, focalizam-se Carl Lewis velocista dos Estados Unidos que conquistou quatro medalhas de ouro entre os 100 metros rasos, os 200 metros rasos, o revezamento 4x100 e o salto em distância, igualando-se ao recorde de Jesse Owens nas Olimpíadas de 1936 realizada em Berlim durante o regime hitlerista; Nawal El Motawakel primeira muçulmana a vencer uma prova nas Olimpíadas: os 400 metros com barreiras, que era também uma das provas estreantes em competições olímpicas; Sebastian Coe – atleta britânico – primeiro a repetir uma vitória nos 1500m do atletismo; Neroli Fairhall, primeira atleta paraplégica a participar oficialmente dos Jogos Olímpicos, em seu caso na prova de tiro com arco; Jean Benoit, atleta americana vencedora da primeira maratona feminina da história dos Jogos Olímpicos, prova que ficou marcada para o mundo por meio da imagem da atleta suíça Gabriela Andersen-Scheiss cambaleando ao completar os 42,195 km.

Nesta Olimpíada composta por duzentos e vinte e um eventos em vinte e três esportes, quarenta e três países conquistaram medalhas.

Quadro de Medalhas					
Colocação	País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1	Estados Unidos	83	61	30	174
2	Romênia	20	16	17	53
3	Alemanha Ocidental	17	19	23	59
4	China	15	8	9	32
5	Itália	14	6	12	32
6	Canadá	10	18	16	44
7	Japão	10	8	14	32
8	Nova Zelândia	8	1	2	11
9	Iugoslávia	7	4	7	18
10	Coréia do Sul	6	6	7	19
11	Grã-Bretanha	5	11	21	37



12	França	5	7	16	28
13	Países Baixos	5	2	6	13
14	Austrália	4	8	12	24
15	Finlândia	4	2	6	12
16	Suécia	2	11	6	19
17	México	2	3	1	6
18	Marrocos	2	-	-	2
19	Brasil	1	5	2	8
20	Espanha	1	2	2	5
21	Bélgica	1	1	2	4
22	Áustria	1	1	1	3
23	Portugal	1	-	2	3
	Quênia	1	-	2	3
25	Paquistão	1	-	-	1
26	Suíça	-	4	4	8
27	Dinamarca	-	3	3	6
28	Jamaica	-	1	2	3
	Noruega	-	1	2	3
30	Grécia	-	1	1	2
	Nigéria	-	1	1	2
	Porto Rico	-	1	1	2
33	Colômbia	-	1	-	1
	Costa do Marfim	-	1	-	1
	Egito	-	1	-	1
	Irlanda	-	1	-	1
	Peru	-	1	-	1
	Síria	-	1	-	1
40	Tailândia	-	1	-	1
	Turquia	-	-	3	3
42	Venezuela	-	-	3	3
	Argélia	-	-	2	2
43	Camarões	-	-	1	1
	Islândia	-	-	1	1
	República Dominicana	-	-	1	1
	Taipe Chinês	-	-	1	1
	Zâmbia	-	-	1	1

MARATONA

A maratona encontra sua gênese na no ano de 490 a. C., quando soldados de Atenas combateram os persas na Primeira Guerra Médica na planície de Maratona. Durante a batalha, os persas deixaram claro que se a vencessem, dirigir-se-iam para Atenas com o intuito de violar as mulheres e sacrificar os filhos dos combatentes atenienses.

Os gregos, ao saberem da ameaça, ordenaram que suas esposas matassem seus filhos e se suicidassem caso não recebessem notícias suas após vinte e quatro horas do término do combate. A vitória coube aos atenienses, porém em tempo maior do que o esperado, fato que gerou preocupação aos soldados. Desta forma, o general Milcíades



ordenou que seu soldado mais rápido, Filípides, corresse até Atenas a fim de informar a respeito da vitória e impedir a execução do plano de matança e suicídio.

Filípides correu 42,195 km para completar sua missão. Consta que ao chegar a Atenas disse “Vencemos” e posteriormente morreu em virtude de seu esforço. Em sua homenagem, na era moderna, em 1896, a maratona foi criada e sua distância, de 42,195 km, estipulada oficialmente em 1908.

A maratona, iniciada com um acidente mortal, marcou em sua história inúmeros outros acidentes e falecimentos. Em geral, atletas amadores são os que mais sofrem com as corridas de longa distância, porém alguns atletas profissionais não fugiram da dificuldade proporcionada pela quilometragem da prova, alguns, inclusive, perdendo a vida.

O primeiro atleta a falecer durante a mais tradicional prova olímpica foi o português Francisco Lazaro, em competição realizada em 1912, em Estocolmo. Como o calor da cidade sueca estava muito forte, o atleta decidiu por se untar de óleos e graxas para se proteger do sol, todavia o efeito ocorrido foi o oposto. O óleo acabou por vedar seus poros, impedindo a transpiração e levando-o à morte.

O ugandês John Mwanila, medalha de bronze nos Jogos Centro Africanos de 1969, morreu por fatores externos à corrida. Durante a realização da prova, em 1979, nos Jogos Africanos de Nairobe, foi atingido por um carro, falecendo em virtude de um grande número de lesões causadas pelo atropelamento.

Outro corredor falecido em consequência de fatores externos foi o tanzaniano Richard Mbewa. Em seu treinamento para a maratona de Los Angeles de 1984, um policial o abateu a tiros pensando ser este um assaltante.

Outro caso é o do americano Dennis Rainer. Na maratona de Allendale, Michigan, o atleta sentiu um grande impacto na cabeça, porém continuou a correr. Ao final da prova descobriu-se que foi vítima de bala perdida, de calibre 22, a qual ficou alojada em seu crânio.

Houve ainda, na mesma Olimpíada em que participou Gabriela Andersen-Scheiss, na maratona masculina, um fato curioso e de grande superação. O haitiano Dieudonne Lamothe demonstrou grande força de vontade, arrastando-se até o final do percurso para terminar em último lugar com o tempo de duas horas e cinquenta e dois minutos. Posteriormente ao evento, descobriu-se que o ditador do Haiti, Baby Doc Duvalier, havia ameaçado-o caso não concluísse o percurso.



MARATONA E CORPO

O percurso da maratona causa diversas reações físicas no corpo do atleta. Os primeiros dez quilômetros causam no participante uma pequena dor, advinda da distensão da cápsula do baço, uma vez que o consumo de oxigênio se encontra em seu estágio máximo, estabilizando-se em seguida.

Entre o décimo primeiro e vigésimo quinto quilômetros, o corpo do atleta passa por uma fase de total estabilidade, encontrando-se o consumo de oxigênio, a temperatura corporal e a frequência cardíaca em níveis estáveis e controlados. Neste momento, o corpo do participante da prova produz endorfina, substância responsável pela sensação de prazer.

Dos quilômetros vinte e seis ao trinta e dois, o atleta experimenta uma sensação de prazer, na qual o corpo parece estar dopado, como se houvesse uma droga analgésica circulando pelo seu sangue. Esta sensação aumenta no decorrer de dois ou três quilômetros e o competidor passa a não ter mais sensações de dor.

Este quadro, em verdade, reflete um problema para atletas menos preparados, pois estes, muitas vezes, entendem essa sensação como algo que permanecerá até o término da prova, estimulando-os a aumentar o ritmo de suas passadas além do limite imposto pelos seus corpos.

Posteriormente, entre os quilômetros trinta e três e trinta e sete ocorrem a maior parte das desistências, justamente em virtude do fator da imposição de um ritmo maior do que aquele suportado.

Nos últimos quilômetros, o corpo começa a trabalhar acima do linear aeróbico, consumindo mais CO₂ do que O₂. O ácido láctico intramuscular passa então a se acumular, resultando em fortes sinais de fadiga, como dores musculares e tonturas. Caso nenhum desses fatores faça o atleta parar de correr, o corpo enviar sinais cada vez mais fortes, como vômitos, pois a fadiga em seu estado limite pode levar ao óbito.

Em se tratando de musculatura, o corpo dos atletas passa por três etapas. Nos aproximadamente primeiros quarenta minutos de corrida o corpo queima apenas o glicogênio muscular, queimando apenas o carboidrato presente no sangue e nos músculos.

Após esse período, a musculatura continua a exigir energia, que passa a vir dos estoques de gordura corporal. Esse processo de queima é muito trabalhoso para o corpo



humano, que utiliza essa energia por cerca de vinte minutos, evitando queimar seus estoques.

Para manter o corpo ativo, após esse tempo, o corpo busca outra fonte de energia. O atleta inicia, portanto a queimar proteínas, assim, a musculatura passa a ser queimada para fornecer combustível para o corpo, resultando em perda de massa magra e conseqüentemente perda de potencial muscular.

Esse fato acentua ainda mais o fator de risco da maratona, já que a duração de uma prova ultrapassa duas horas, exigindo extremo preparo físico e psicológico para o desenvolvimento pleno e seguro da corrida.

GABRIELA ANDERSEN-SCHEISS

Nascida na Suíça, Gabriela Andersen-Scheiss era instrutora de esqui no estado de Idaho, nos Estados Unidos, quando foi convocada a representar seu país natal nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984.

Contando com trinta e nove anos, a atleta suíça preparou-se pra enfrentar os 42km da maratona feminina e, também, a norueguesa Grete Waitz, atleta favorita para a prova estreante nas Olimpíadas.

Entretanto, Gabriela Andersen-Scheiss, durante a prova, sofreu com sua falta de preparo e com o calor do dia, fato que gerou outra competição, a que estipulou contra seu próprio corpo, não aceitando sequer a água oferecida no último posto do percurso.

Quem chegou em primeiro lugar não foi a atleta favorita da Noruega, mas Joan Benoit. Vinte minutos após a chegada da primeira colocada, Gabriela Andersen-Scheiss adentrou no estádio claramente abatida e desorientada. Seu corpo mostrava sinais de fadiga, com sua perna esquerda quase que completamente rígida e com seu braço direito balançando inerte.

A reação do público foi imediata, assim como a dos médicos que se encontravam no estádio. Porém, estes não tomaram nenhuma iniciativa de romper com a trajetória da atleta, tendo em vista que observaram que a corredora ainda transpirava, índice de que seu metabolismo ainda não havia falhado.

Desta forma, a atleta suíça continuou seu percurso em torno da pista de atletismo por cinco minutos e quarenta e quatro segundos, arrastando-se na pista para completar a prova e, somente então, receber auxílio médico.



Após a prova, Gabriela Andersen-Scheiss demonstrou uma recuperação excepcional, precisando de apenas duas horas para ser liberada pela equipe médica.

A maratonista conquistou o trigésimo sétimo e último lugar, gravando um tempo de 2 horas, 48 minutos e 42 segundos, porém sua participação marcou os Jogos Olímpicos de 1984, relegando para segundo plano o ouro da americana Joan Benoit, postando sua imagem ao final da prova como exemplo de superação, coragem e ousadia.

Por causa do incidente ocorrido durante a prova da Maratona feminina em 1984 que a IAAF compôs o artigo “Andersen-Scheiss”, que permite aos atletas receberem auxílio médico durante o percurso da prova de Maratona sem serem desclassificados.

FOTOGRAFIA ESPORTIVA

Produto da Revolução Industrial, mas que encontra sua gênese em tempos bem mais remotos, como a China anterior a Cristo e a Grécia Antiga, localidades em que são narradas a utilização da câmara escura, a fotografia é utilizada com variadas funções.

Uma delas é o registro histórico do cotidiano e, entre estes registros, as lentes fotográficas buscam incessantemente os grandes momentos esportivos.

Há algumas décadas alguns fotógrafos jornalistas se especializam em capturar imagens esportivas, dedicando-se para tanto ao estudo de diversas modalidades de competição e, especialmente, à técnica de manipulação do equipamento fotográfico requerido para cada esporte.

Grosso modo, as competições esportivas pedem o privilégio da coordenada da alta velocidade de obturação sobre a coordenada do diafragma. O intuito de congelamento dos lances esportivos faz com que os fotojornalistas esportivos trabalhem com velocidades muito altas e, para compensar esta necessidade, os diafragmas passam a ser utilizados em sua abertura quase total, o que confere às fotografias esportivas uma pequena profundidade de campo. Evidentemente esta não é uma regra, mas é uma constante nesta modalidade fotográfica.

São inúmeras as fotografias esportivas que pertencem à memória coletiva. Entre elas há as imagens de Pelé socando o ar, Aurélio Miguel ajoelhado com os braços abertos em comemoração a sua vitória nos tatames olímpicos, Oscar Schmidt chorando após a vitória da Seleção brasileira de basquete sobre a equipe norte-americana nos jogos panamericanos, ou mesmo Ayrton Senna hasteando em seus braços a bandeira



brasileira após suas vitórias na Fórmula 1, entre tantas outras que compuseram a história do esporte brasileiro.

Mas há fotografias esportivas que além de ultrapassar a barreira do tempo, ultrapassaram a barreira nacional. São diversas as imagens que comoveram e ainda comovem os olhos de diversos receptores das imagens.

Em 1984, durante os Jogos Olímpicos de Verão, realizados em Los Angeles, vários olhares se voltaram para a conclusão da prova estreante de Maratona feminina. Os fotógrafos, após congelarem o momento em que a americana Joan Benoit vencia a disputa – superando sua rival Grete Waitz de quem havia perdido as dez provas anteriores –, mal esperavam que o grande momento fotográfica ainda estava por ocorrer.

Com a chegada de Gabriela Andersen-Scheiss ao estádio, os olhos do público e da imprensa voltaram-se com mais atenção à prova que trazia a atleta extasiada, lutando por percorrer seus metros finais em direção à conclusão da prova.

O IOC, Olympic Museum Collections, divulga em seu site três imagens da atleta suíça, duas ao final da prova e uma realizada a posteriori. Infelizmente o IOC não concede o crédito do fotógrafo a duas destas imagens.



Crédito:
IOC - Olympic Museum Collections



Crédito:
NOOP L.-A. Times Patrick Downs



Crédito:
IOC - Olympic Museum Collections

FOTOGRAFIA ESPORTIVA: GABRIELA ANDERSEN-SCHEISS

Cabe a análise de duas imagens, especificamente aquelas que retratam a atleta dentro do estádio, sendo uma que marca a atleta em seus momentos finais e outra que captura o momento em que Gabriela Andersen-Scheiss cruza a linha de chegada.

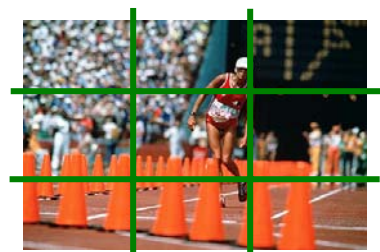
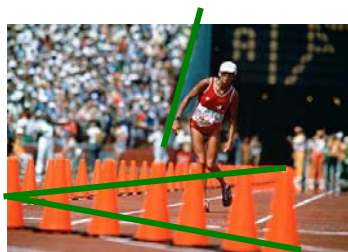
Na imagem colorida, a maratonista está perto de completar a prova. Seu corpo destacado da multidão ao fundo em virtude da utilização de um diafragma muito aberto,

tomba para seu lado esquerdo (direito do leitor) demonstrando a fadiga após mais de 41km percorridos.

O fotógrafo se valeu de um enquadramento composto por diversas linhas diagonais. Estas são grafadas pelos cones em primeiro plano, pelos mesmos cones em linha paralela à atleta e, também, pela linha da arquibancada ao fundo.

As linhas diagonais (Arnheim, 2000) concedem dinamismo às formais visuais, e, entre elas destaca-se a atleta como se fosse um elemento único, enquadrado na posição central direita da imagem.

Esta escolha pelo enquadramento, pelas linhas de composição e pela abertura do diafragma dirigem o olhar do leitor da fotografia esportiva diretamente à atleta quase o impedindo de pleitear outros olhares.

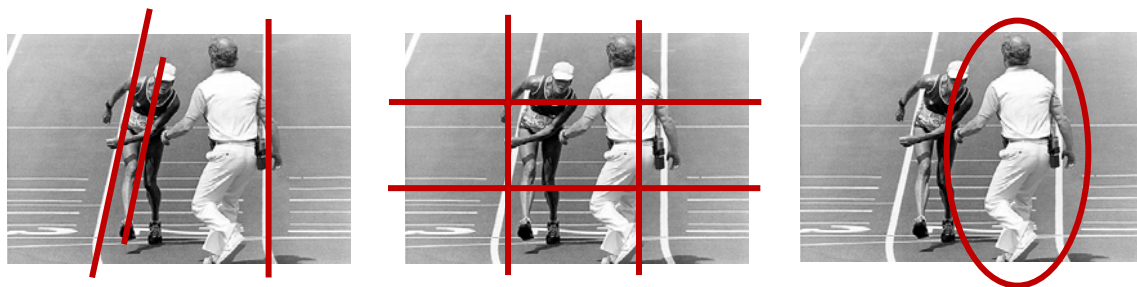


Na fotografia em preto e branco a tensão perpetua por três motivos: a presença do médico, a manutenção das linhas diagonais e a própria utilização da película preto e branco.

Segundo Flusser (2002, p.38) “O preto e o branco são situações ideais, situações limite. O branco é a presença de todas as vibrações luminosas e o preto é a ausência total”.

Neste jogo de presença e ausência, a tensão é mais explícita, fato corroborado pelas diagonais da própria pista e pela linha diagonal do próprio corpo cambaleante da atleta.

Some-se ainda o terceiro elemento, o médico que adentra na pista de corrida do estádio para socorrer a atleta ao fim de sua jornada.



CONCLUSÃO

O Los Angeles Memorial Coliseum, que recebeu a Olimpíada de 1932, totalmente remodelado, foi também o palco da abertura dos Jogos Olímpicos de Verão de 1984. Lá se realizou a imponente abertura feita pelo então presidente, californiano, dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan; no estádio adentrou com a tocha Jesse Owens, lenda olímpica americana dos jogos de Berlim de 1936; no mesmo lugar o



mundo pode presenciar o homem-foguete demonstrando o poder tecnológico da indústria americana em plena época de conflito nuclear.

Todavia, na Olimpíada que contou com a participação da iniciativa privada e oficialmente gerou um lucro de US\$ 200.000,00, além de lucros indiretos, o mesmo estádio foi o cenário, no dia 5 de agosto, de um dos mais comoventes momentos da história esportiva, momento de superação da atleta Gabriela Andersen-Scheiss, registrado pelas câmeras televisivas e pelas lentes dos fotojornalistas esportivos.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. (Biblioteca Pioneira de arte, arquitetura e urbanismo)

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

GABRIELA
ANDERSEN
SCHIESS
http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/photo_uk.asp?EntIdProv=150&EntId=270&LinkName=GABRIELA+ANDERSEN-SCHIESS&Direct=0. Acessado em 13.04.2008

QUADRO DE MEDALHAS DAS OLIMPÍADAS DE LOS ANGELES 1984
<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/história/1984/medalhas.jhtm>. Acessado em 25.05.2008